



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

## PROPAGANDAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ANÁLISE CRÍTICA

Fabiana Dendena<sup>1</sup>

A mais bela de todas as certezas é quando os  
fracos e desencorajados levantam suas cabeças e  
deixam de crer na força de seus opressores.  
(Bertold Brecht)

### RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre duas propagandas que trazem uma proposta de Educação Ambiental Informal, as quais podem ser “introduzidas” no currículo escolar, como uma ferramenta pedagógica, nos processos de ensinar-aprender vivenciados na escola, assim como utilizadas para a formação de professores. A primeira, veiculada em uma revista semanal de circulação nacional, que denominaremos de *Revista Atualidades*, propaganda de uma empresa fabricante de lápis e outra, imagem/foto publicada em um relatório anual de demonstração contábil do ano de 2003/2004, de uma empresa termelétrica. Pretendo então, expor elementos que permitam refletir sobre a “força” e/ou repercussão que os meios de comunicação em massa, nesse caso revistas, exercem sobre a sociedade. Caracterizando as propostas citadas acima, almejo explicar o sentido que as respectivas imagens “despertaram”

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia - Anos Iniciais, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande-FURG- 96201-900-Rio Grande/RS-Brasil. Orientada pelo Prof. Dr. Carlos Machado. E-mail: [fabide@bol.com.br](mailto:fabide@bol.com.br).

em mim, questionando aspectos como, a crise civilizatória: estes projetos/propostas priorizam a transformação ou adequação da realidade? Tendo como prioritário que não somos exteriores ao meio ambiente, a natureza, e sim somos pertencentes a este, temos que ser responsáveis por todos os aspectos que circundam a Educação Ambiental. O principal objetivo deste artigo é proporcionar o debate e acima de tudo a reflexão dessas propagandas. Utilizando-me de uma metodologia de análise crítica sobre imagens e textos, nos permitindo a construção e reconstrução das informações e ideologias nelas contidas, tendo consciência das influências que estas provocam em nós.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental Informal, Currículo, Formação de Professores e Ensino-Aprendizagem

## **ABSTRACT**

This paper intends to think about two advertisements that bring an Informal Environmental Education proposal, which can be introduced as a pedagogic tool in the scholar curriculum, the teaching and learning processes of schools and the teacher's education. The first one, which was launched on a national weekly magazine, is of a pencil company and the other, a picture published on an annual paper of 2003/2004 countable demonstration, of a thermoelectric company. I intend to explain how those images touched me, questioning aspects like the crisis of civilization: do these projects/proposals prioritize reality's transformation or adequacy? Having the idea that we are not external to the environment, the nature, but part of it, we have to be responsible for all matters that surround the Environmental Education. The main goal of this paper is to promote the debate and above all the reflection about these advertisements. I use a critical analysis over the images and texts as my methodology, because it allows me the construction and reconstruction of information and ideologies in it, having the conscience of the influences that they have above us.

**Keywords:** Informal Environmental Education, Curriculum, Teacher's education, and Teaching and Learning.

## 1 Introdução

Atualmente vemos um “bombardeio” de informações sobre poluição e preservação do meio ambiente, formas de “amenizar” as conseqüências do aquecimento global, efeito estufa, entre outras. Todas estas notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, dos quais o mais utilizado é a televisão, os jornais, revistas, revistas em quadrinhos, internet, músicas, etc. Estes, atuando como formadores de opinião, e focando fatos e aspectos que consideram mais importantes, ou seja, priorizando um ponto de vista, e isto sem dúvida influencia nos processos de ensino – aprendizagem, tanto nas escolas, como em outros espaços que se dá a educação, seja em casa, nas ruas, mercados, cinemas, entre outros. Como nos diz Márcia Leite:

As instituições educativas, sejam escolas ou universidades, precisam discutir essa questão – a influência dos meios de comunicação na educação do povo

brasileiro – nas suas práticas cotidianas e buscar referenciais teóricos que possam respaldá-la, refutá-la, desvalorizá-la, ressignificá-la, mas negá-la seria inconseqüência ou devaneio acadêmico. (LEITE, 2000, p. 01)

Esta citação diz claramente que informações divulgadas na mídia influenciam nossa cotidianidade. Então não podemos de modo algum ignorá-las, seja dentro do espaço escolar, como nos fala Leite, ou fora dele, como é o caso do nosso objeto de análise, que falarei a seguir, devido seu poder de influência. Assim no espaço escolar pode-se aproveitar propagandas, encartes, revistas, enfim tudo o que faz parte do meio aonde os alunos vivem para adentrar os portões da escola. Questionamos desta maneira, o currículo que nos é apresentado no sistema escolar e o que podemos fazer para transformá-lo, adequá-lo, às vivências, interesses e às diferenças dos alunos, pois esses, muitas vezes são bombardeados na escola “por conceitos estranhos, distanciados, bizarros, desprovidos de pertinência e de realismo em relação a seu próprio meio de vida” (FORQUIM, 1993, p. 132). Acredito então, no uso de “instrumentos” que possam auxiliar na tarefa educativa, na qual o aluno se veja pertencente àquilo que está sendo apresentado, se sinta capaz de pensar, repensar alternativas para mudanças de Paradigmas que possam levar à exclusão e a desigualdades<sup>2</sup>. Porém deve-se ter o cuidado para que um ensino adaptado que respeite as especificidades sejam estas culturais, locais, não levem a um “ensino de rebaixamento” que possa encarcerar as populações no círculo da segregação e dependência (FORQUIM, 1993). Dessa forma, o uso de imagens visuais como um componente didático vem como meio que favorece a reflexão:

Assim, o recurso das imagens visuais é um componente didático que possibilita esse exercício específico de leitura/desconstrução/reconstrução e o mais amplo, o de análise crítica da influência dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea e o papel que as imagens (gráficas, visuais, virtuais) ocupam no cotidiano. (REIGOTA, 1999, p. 138)

Então, “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas”. (KELLNER apud LOUREIRO, 1999, p.138-9). Vemos então, a importância da Educação Ambiental Informal, que pode ser trabalhada na escola, sendo incluída no currículo como um “instrumento” para promover de uma forma constante a aprendizagem, como também as atitudes escolares, que são

---

<sup>2</sup>*Desigualdades sociais* são consideradas como fenômenos socioeconômicos, e para “mascarar” a realidade, os governantes criam mecanismos, políticas compensatórias, como, por exemplo, a assistência social, abono de família, auxílios diversos (água, gás, etc.) para mantê-las em um nível tolerável; e a *exclusão*, por outro lado, é um fenômeno cultural e social, em que há criação de “verdades”, o que está aquém destas, ou não concorda, ou seja, quem questiona estas verdades é rejeitado (SANTOS, 2006).

favorecidas “com o transcurso de experiências ao longo do tempo e de situações diferentes, as atitudes de uma pessoa vão sofrendo mudanças” (SARABIA, 1998, p. 132) tanto do aluno quanto do professor, pois no caso das propagandas essas trazem sempre uma opinião explícita ou implícita. Sendo importante ainda, ao currículo a importância de se considerar as atitudes dos alunos, pois estas assumem “um papel ativo” desse no processo de aprendizagem, através da curiosidade, do envolvimento nas tarefas, são fatores que contribuem ao aprender. Além dos fatores emocionais, afetivos no sucesso ou no fracasso escolar, assim o envolver o aluno de uma forma positiva no ambiente escolar, pode levá-lo a uma atitude positiva em relação a este, no que se refere às disciplinas, aos colegas, enfim ao âmbito escolar (SARABIA, 1998), e acredito ainda em relação a uma atitude positiva aos outros espaços que se dá a Educação (comunidade, trabalho, casa, etc.).

Penso dessa maneira, que a Educação Ambiental Informal, no nosso caso, através do uso de propagandas pode contribuir significativamente nesta relação ensino-aprendizagem no ambiente escolar, sendo ela caracterizada por seus objetivos de transformar as atitudes e os comportamentos, dessa forma se constituindo em um verdadeiro compromisso. (GIORDAN e SOUCHON, 1995) Como afirma Giesta:

A educação ambiental informalmente desenvolvida por meio de histórias em quadrinhos deu suporte ao estudo justificado na crença de que as pesquisas, a educação formal e informal podem contribuir na formação de cidadãos e de docentes mais informados e comprometidos com ações que promovam a conscientização da preservação, conservação, recuperação ambiental como formas de garantir às gerações futuras desenvolvimento com qualidade de vida. (GIESTA, 2006, p. 02)

Perante o exposto, percebemos a importância da Educação Ambiental Informal, a qual se constitui como espaço de construção, reconstrução de conhecimentos, onde o processo de conscientização se dá pela capacidade de reflexão, em que criticar ou apoiar idéias, perspectivas e valores, se caracteriza como fundamental para nossa constituição, em que o diálogo com o outro, consigo mesmo e com tudo o que me cerca é necessário, onde o respeito ao outro se torna muito importante, vemos então como fundamental o processo ensino-aprendizagem, e o ensino das atitudes. Para isso “a formação de cidadãos e de docentes mais informados e comprometidos” (GIESTA, 2006), vem ao encontro da educação não com a idéia que colocamos os discentes em um determinado formato nem em “introjetarmos” neles o que queremos, e sim na perspectiva do diálogo, da reflexão e da ação, para conseguirmos “torná-los” cidadãos que consigam refletir acerca da temática ambiental,

para isto os docentes também deveriam ou teriam que pensar de uma forma emancipatória onde o aluno é sujeito, juntamente com ele, em que a EA não atuaria dessa forma,

[...] somente no plano das idéias e no da transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida. [...] A educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade. (LOUREIRO, 2004, p. 28)

Começamos dessa maneira, a pensar na relação pesquisadora – pesquisado que passam a serem parceiros de uma “[...] experiência dialógica conseguindo se transportarem da linguagem interna de sua percepção para sua expressividade externa, entrelaçado-se por inteiro num processo de mútua compreensão (FREITAS, 2003, p.37).” Tratando-se aqui de uma análise de propagandas, tenho a “pretensão” de compreender o implícito nas propagandas escolhidas, analisando, assim, o texto e o contexto, pensando em uma nova perspectiva que não se inclua ou se adapte ao sistema capitalista, mas sim de rompimento, de transformação deste.

Na próxima etapa do trabalho, descreverei cada uma das propagandas, entendendo estas como uma “ferramenta de comunicação”, como um meio de ensino-aprendizagem, que pode ser utilizado por professores, e ainda na própria formação destes. O foco das propagandas prioriza o que é de interesse dos donos ou administradores destas empresas, a mensagem expressa nas propagandas, assume um apelo marcante, como nos diz Medina,

[...] A mensagem-consumo exige um título de apelo forte, bem nutrido de emoções, surpresas lúdicas, jogos visuais, artifícios, lingüísticos. O título ganha vida de consumo como qualquer anúncio publicitário e a edição trabalha com cuidados especiais: criam-se os “tituleiros” hábeis, verdadeiros mitos de sala de redação [...]. (MEDINA, 1988, p.119)

Demonstrando então que, as mensagens vinculadas nas propagandas, estão carregadas de intenções, que chamem a atenção do consumidor, e convençam-no de que aquilo é o melhor, por isso a importância de análises cada vez mais detalhadas e críticas de nós, “alvos” dessas propagandas. Analisá-las-ei dessa forma, com base nos princípios da Educação Ambiental, que penso ser importante, e nos autores por mim estudados, tentando lançar um olhar sobre elas, de novas possibilidades e questionamentos, como diz Reigota, “O emprego das imagens [...] desconstrói (ou abala) verdades individuais e coletivas, amplia o leque das possibilidades, multiplica as interpretações e relativiza o conhecimento, apontando

para a necessidade do estabelecimento de outras situações de dialogicidade [...]”. (REIGOTA, 1999, p.136)

A análise das propagandas será feita por mim, pesquisadora, “um ser social” que marca e é marcado pelo contexto em que vive (FREITAS, 2003). Tal análise será feita a partir de um horizonte por mim contemplado, carregado, de subjetividade, vivências, opiniões, construídas no coletivo, porém operacionalizada por mim. É neste “jogo dialógico” que o pesquisador constrói uma compreensão da realidade investigada, transformando-a e sendo por ela transformada (FREITAS, 2003). É necessário perante isso, analisar as imagens, não com a intenção de apontar contradições e problemas, mas com a perspectiva de um diálogo entre os pressupostos apoiados por mim, e os implícitos e explícitos na propaganda. Deixo claro, que não penso que as propagandas que por mim foram analisadas tivessem a intenção de promover a EA, porém tentei apontar elementos que levassem o leitor e a mim própria a refletir sobre o conteúdo implícito nestas. Tendo presente que, os

[...] problemas ambientales no consisten sólo en la contaminación, los ruidos, la erosión del suelo... y, más que el término “problemas” podríamos emplear el de “atados” al medio ambiente, lo que permitiría englobar más fácilmente la pérdida del patrimonio genético, del paisaje e incluso de la cultura. Estos atentados, que se alzan amenazantes contra la sociedad, y que son vistos por un número creciente de personas como algo cada vez más serio y peligroso, ahora y para el futuro, no son el resultado del azar, sino un subproducto de la actividad humana, y más concretamente de la actividad económica basada en la utilización de los diferentes recursos naturales (minerales, agua, combustibles fósiles,...; productos agrícolas, bosques,...). Esta observación justifica la necesidad de considerar a la E.A. como algo que debería de estar basado en...o ser una verdadera educación “económica”. (GIORDAN SOUCHON, 1995, p. 8)

Dessa maneira, o presente texto expõe e caracteriza as propagandas, com a intenção de uma reflexão acerca da intenção e/ou a verdadeira colaboração destas empresas com o meio ambiente, considero então, como dito anteriormente, que somos integrantes do meio, e a separação meio/natureza e homem é impossível, pois nós homens, mulheres, muitas vezes, nos utilizamos da natureza para nosso proveito, dominando-a, esquecendo que ela é nossa constituinte, provocando então o mal a nós próprios, pois quando a atingimos estamos conseqüentemente “mirando” em nossa própria direção. A Educação Ambiental, para mim é percebida como educação econômica como o dito anteriormente, mas também como educação política, que segundo Reigota (2004) “os elementos naturais e sociais estão em relação dinâmica e em interação”, devemos considerar sempre todos os aspectos, ou seja, o social,

político, econômico, cultural, como interligados e inseparáveis do meio ambiente. Então por este motivo, não posso separar estas questões ao olhar e/ou analisar estas propagandas.

## 2 Descrição de duas propostas de Educação Ambiental Informal

### 2.1 Descrição da propaganda de lápis

A primeira descrição é de uma grande empresa de materiais escolares, que fabrica lápis de escrever, lápis de cor, borrachas, entre outros produtos. A propaganda está na *Revista Atualidades*, de circulação semanal<sup>3</sup>. Esta começa com o slogan, “[...] preserva as cores do Planeta”, tendo posteriormente o seguinte texto:

A [...] sempre esteve de olho no futuro. Por isso, quando ainda não se falava em sustentabilidade, ela já havia estruturado uma nova forma de gestão onde empresa, sociedade e meio ambiente lucram. A produção da [...] está em completa harmonia com o planeta. Ela começa com o plantio de árvores para a fabricação de seus lápis e avança pelos projetos sociambientais que a empresa desenvolve sempre com um único objetivo: oferecer o que há de melhor para estimular a criatividade dos seus consumidores ajudando, assim, na formação de pessoas preparadas para construir um mundo melhor. Afinal, é com idéias criativas que vamos conseguir manter o planeta com suas cores cada vez mais vivas. (REVISTA ATUALIDADES nº22, ano 40, 2007, p. 69)

Após este texto, já no final da página aparece uma mão segurando um globo terrestre, com cores bem destacadas, onde o verde das florestas e o azul das águas parecem bem delineados. Na parte direita da página, tem uma “tarja” vermelha onde está o nome da empresa, com o seguinte dizer “Sua companhia para toda a vida”. (2007, p. 69). A página onde a propaganda foi feita é da cor verde claro.

### 2.2 Descrição da propaganda da empresa termoeletrica:

A segunda descrição é uma foto de uma empresa termoeletrica, que foi editada em um relatório anual do ano de 2003/2004. A foto (que não é muito grande, pois o relatório traz outras, está na segunda página, e volta a aparecer na última página de maneira ampliada) mostra flores roxas, algumas árvores e atrás a empresa, com sua chaminé, caldeiras e a torre

---

<sup>3</sup> O nome da revista é fictício, para preservação da imagem da mesma. Bem como o nome da termoeletrica e da cidade onde esta se localiza.

de resfriamento seca, e o carvão armazenado com a fumaça. Na primeira página do relatório, tem o seguinte texto:

A [...] tem energia para tudo. Para transformar carvão mineral em energia térmica. Energia térmica em eletricidade. Eletricidade em desenvolvimento. Um desenvolvimento que contempla o crescimento social e a qualidade de vida. Que respeita o meio ambiente e as pessoas. E se a [...] tem energia para tudo isso, tem energia para fazer o futuro das próximas gerações. Um futuro que ela está construindo com a participação efetiva de todos integrantes da companhia. Este documento relata o que foi feito, nesse sentido, pela administração da [...] no decorrer de 2003 e 2004. Uma gestão participativa empenhada em trabalhar para transformar essa energia em desenvolvimento para o Brasil. (RELATÓRIO ANUAL, 2003/2004, s/n)

O slogan principal da empresa é “Nós temos energia pra tudo”. A foto comentada acima é pequena, (a mesma foto é reproduzida, na última parte do relatório em tamanho maior, que ocupa duas páginas) tendo mais duas do mesmo tamanho ao lado (com imagens da empresa, sempre com a imagem de rios na frente), o fundo tem a foto do rosto de três homens vestidos com o uniforme da empresa. A página onde está o texto citado, tem como fundo um “lindo pôr do sol”, com a imagem da torre de resfriamento seca, e torres de alta tensão ao fundo. No restante do relatório, têm outras imagens da empresa onde algumas mostram gaivotas, animais marinhos, rios tendo sempre imagens vinculadas com a natureza não humana<sup>4</sup>.

### 3 Análise da Propaganda da empresa que produz material escolar

Ao folhar a *REVISTA ATUALIDADES*, de circulação semanal, chamou-me a atenção uma figura do globo terrestre, então parei para ler a propaganda. Nesta leitura tive a impressão que a intenção da empresa, era demonstrar que ao usar os materiais fornecidos por ela, ajudaria na preservação do meio ambiente, pois fala da sustentabilidade, que antes de se usar este termo a empresa já pensava em preservar o futuro das novas gerações. Isto sugerido, devido o uso do termo sustentabilidade que significa segundo Antonio Carlos Teixeira,

Pensar em desenvolvimento sustentável ou em sustentabilidade pressupõe ações práticas e teóricas de EA. Uma política de desenvolvimento tecnológico, social e econômico deve ser precedida pela educação ambiental, ou seja, para alcançarmos o equilíbrio entre a desejada e inevitável evolução tecnológica do

---

<sup>4</sup> Termo usado para me referir às árvores, rios, animais, etc. Quando me refiro há natureza humana quero falar em relação aos homens, mulheres, crianças.

homem e a conservação e/ou preservação dos recursos naturais precisamos acreditar e investir em educação ambiental. “Educar ambientalmente” passa pela sensibilização a respeito da importância de ações ligadas à preservação e conservação do meio ambiente e do correto uso dos recursos naturais que, sem dúvida, refletem no nosso bem-estar e ainda nos fazem desejar o mesmo estado de satisfação física, mental e moral para os nossos descendentes [...]. (TEIXEIRA, 2007, p.21)

Ainda sobre sustentabilidade, Regina Silva e Michele Sato dizem:

Apostamos na emergência de um compromisso coletivo na construção de “sociedades sustentáveis”, que evidencia seres mais comprometidos e solidários, com novos valores políticos e culturais, com uma nova forma de olhar o mundo e a vida e com uma forma especial e amorosa de relacionamento com o outro e com a natureza. E desejamos ser protagonistas na construção de um Brasil diferente com justiça ambiental, mais equitativo e feliz. (SILVA e SATO, 2007, p.31)

Esta definição demonstra que ao usar o termo “sustentabilidade”, a empresa se diz preocupada e engajada nas condições de melhoria do desenvolvimento tanto econômica, como cultural, social, ambiental, isto devido a amplitude do termo e reforça isto ao dizer “em completa harmonia com o planeta”. Mas penso que a propaganda se tornou insuficiente quando diz “Ela começa com o plantio de árvores para a fabricação de seus lápis e avança pelos projetos sociambientais [...]”, pois apenas plantar árvores, não significa que está melhorando o meio ambiente, porque a empresa para fabricar seus produtos necessita de uma grande quantidade de árvores, então obviamente deve ter sua “própria produção”, e se não vai, além disso, não poderia usar do termo socioambiental, pois este segundo a concepção por mim defendida vai além da plantação de árvores.

Mas ao dizer-se preocupada com os problemas sociambientais deve-se pensar nos outros fatores como melhoria dos processos para que diminua suas agressões ao máximo possível ao meio ambiente, reciclagem, reaproveitamento de água, entre outros que o termo socioambiental significa em seu sentido, como repensar o consumo e nossas necessidades. Sei que não é esta a preocupação nem intenção da empresa, pois seu objetivo é o lucro, porém quando utiliza aquele termo, que vai muito além do que a empresa diz estar fazendo, posso “exigir” desta que faça mais do que plantar árvores para diminuir as emissões de CO<sub>2</sub>, segundo minhas concepções.

Na propaganda não ficou claro se em relação às árvores, se planta a mais para diminuir danos ambientais, como é o caso do efeito estufa, utilizando dessa maneira os créditos de carbono. Se for este o caso, algumas correntes ambientalistas, e muitos da população em geral que não são engajados nesta causa, mas conseguem perceber além do

explícito, vêm nisto uma forma de permitir que a poluição aconteça, favorecendo os países desenvolvidos e o mercado, aumentando o consumo, e em contrapartida diminuindo a responsabilidade das grandes indústrias e empresas, pois segundo estas, estão fazendo algo.

No site da empresa, esta diz no link “ciclo do lápis”, que tem posse de parques florestais em Minas Gerais, onde: “Durante o crescimento, as árvores retiram da atmosfera o gás carbônico, um dos principais causadores da poluição atmosférica e do aquecimento global, e devolvem oxigênio” (site da empresa). Este site, não estava disponível na propaganda, mostra, porém, mais detalhadamente o processo, ou como a empresa utiliza o ciclo do lápis. Quanto a quantidade de árvores (se plantam a mais), na página da web, também não exemplificou, porém, traz a forma que a empresa preserva o solo: “Faz-se então a colheita parcial, para não deixar o solo exposto, proteger a fauna e aumentar a produtividade do plantio. A colheita final ocorre aos 18 anos, quando outras mudas são plantadas em seus lugares. As folhas, ramos e raízes são deixados no solo, tornando-o fértil para a próxima geração de árvores.” (site)

Ao dizer que “avança pelos projetos sociambientais”, e em contrapartida diz plantar árvores, reduz o problema à natureza não humana por si só, ou seja, apenas aos aspectos naturais, não considera inteiramente, dessa forma, o termo “sociambientais”, como nos diz Reigota. A Educação Ambiental vai além da preservação do meio ambiente: “[...] a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania social, cidadania planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza.” (2004, p. 10) Como Educação Ambiental, penso que o termo sociambientais envolve além da questão da natureza, o social, econômico, cultural, ético, político, etc. Ainda sobre isto Layrargues diz:

[...] Portanto, entende-se que a pura transmissão de informações a respeito dos processos ecológicos, na perspectiva de “conhecer para preservar”, é absolutamente insuficiente para a promoção de uma educação que se pretenda crítica e transformadora da realidade. O objeto da educação ambiental não é propriamente a ausência de conhecimentos ecossistêmicos, a desinformação a respeito dos aspectos ecológicos. Antes disto, é a própria visão de mundo instrumental que favorece uma atitude utilitarista, face aos valores culturais de nossa sociedade. Assim como meio ambiente não é sinônimo de natureza, e a problemática socioambiental não é sinônimo de desequilíbrio ecológico, a educação ambiental não é sinônimo de ensino de ecologia. (LAYRARGUES, 1999, p. 138)

Penso que o papel da escola nesta “tomada de consciência” da amplitude do termo e do papel que a Educação Ambiental está assumindo e deve assumir, é fundamental, repensar

a idéia de currículo e a formação e/ou formação continuada de professores pode encabeçar esta tarefa. Para isto, torna-se necessário nos sentirmos pertencente ao meio ambiente, e não donos e possuidores deste. Esta empresa vincula ainda os seus projetos sociambientais, ao estímulo, à criatividade, quando diz: “[...] oferecer o que há de melhor para estimular a criatividade dos seus consumidores ajudando, assim, na formação de pessoas preparadas para construir um mundo melhor”. (*REVISTA ATUALIDADES*, nº22, ano 40, 2007, p.69) Interpretei como se a propaganda dissesse que usando os lápis da empresa, as pessoas se tornam mais criativas, e isso pode auxiliar na transformação do mundo. Como a revista a qual a propaganda estava vinculada se destina a adultos, penso que utilizar o slogan “[...] preserva as cores do planeta”, utilizando ainda em seus textos os termos “sustentabilidade” e “sociambientais” em dias que o aquecimento global, efeito estufa, chuva ácida, entre outros, estão o tempo todo na mídia, inclusive nesta mesma revista com reportagens impactantes, mostram a perspectiva que a editora acolhe ser a mais importante: vender.

Neste sentido, poderia existir a intenção de que na compra deste material, o consumidor tenha a impressão que está fazendo algo pelo meio ambiente, preservando-o, mas sem considerar fatores importantes e questionamentos fundamentais como estes que estou me fazendo ao longo do presente texto, como se “preservar” o meio e buscar processos mais limpos que minimizem os danos ambientais não fosse “obrigação” da empresa com a sociedade e com o meio ambiente que utiliza. Não sou contra, porém, o avanço tecnológico, penso, no entanto que deve-se priorizar neste momento, não só processos mais limpos que tenham menos impactos, mas que simplesmente não os tenha, onde utilizar, reutilizar, sejam realmente importantes nos processos, devido a óbvia escassez dos recursos naturais, os quais a mídia diariamente noticia.

O impacto e a influência destas propagandas na opinião da população se comprovam, em uma pesquisa realizada em 2002, pelo Ministério do Meio Ambiente em conjunto com o Instituto de Estudos da Religião (Iser), publicado em artigo do jornalista Antonio Carlos Teixeira, na Revista Brasileira de Educação Ambiental, número 2 de 2007, no qual “[...] 81% dos brasileiros pesquisados disseram que se sentiam mais motivados quando encontravam informações nos produtos de que haviam sido fabricados de maneira ambientalmente correta [...]”, afirmando o dito anteriormente, que a preocupação com o meio ambiente, a natureza, a preservação está sendo utilizada como uma forma de marketing e, por conseguinte, um aumento nas vendas, como se não fosse uma “obrigação social” garantir a preservação do meio ambiente, quando partimos da premissa que este é nosso constituinte,

assim como o somos dele, ou seja, meio ambiente, natureza, homem não são separados e/ou fragmentados.

O incentivo ao consumo exagerado é uma constante em propagandas, onde “ter” nunca é o bastante, assim a solução não é consumir menos, e sim procurar medidas paliativas para amenizar os danos, que este pode causar. Sobre isto, Antonio Carlos Teixeira, diz,

[...] ter uma postura mais crítica e consciente em relação ao que consumimos e compramos para nosso uso em casa e nas empresas e indústrias, estaremos aumentando nossa participação para sustentar equilibradamente nosso desenvolvimento social, econômico e tecnológico[...]. (TEIXEIRA, 2007, p. 27)

Parto do pressuposto, que isto só acontecerá ou será alcançado, quando nos percebermos parte do meio ambiente o qual vivemos e do qual aproveitamos as riquezas muitas vezes sem nenhuma responsabilidade e reflexão. E isto pode ser “trabalhado” no espaço escolar, incluído nos currículos, perpassando todas as disciplinas, onde pertencer à natureza, é cuidá-la, e não dominá-la, isto sem dúvida exige mudanças de posturas, de atitudes, que podem e devem ser trabalhadas em sala de aula, como o dito anteriormente. Exigindo, em contrapartida muito dos professores, de suas visões, concepções, para isto a formação de professores, e a formação continuada que vem ao encontro do Paradigma Emergente (SANTOS, 1999) que tenta romper com os pré-conceitos se mostrando como uma forma de diálogo com estes, em busca da utopia de uma democracia sem fim (SANTOS apud MACHADO, 2005).

Trazendo na propaganda a imagem do globo terrestre, nos dá mais uma vez a sensação de que comprando desta empresa, estamos fazendo nossa parte, e reduzindo mais uma vez a Educação Ambiental à natureza, no seu aspecto preservacionista e utilitário. No entanto é preciso justificar, que não parece ser objetivo da empresa promover a EA, porém, em minha proposta de análise é impossível não questionar como a empresa deixa implícita sua concepção de meio ambiente. Esquecendo ou ignorando, todas as outras dimensões, já citadas, que são essenciais para mim ao se falar em Educação Ambiental, Layrargues, nos fala neste aspecto ao “adestramento ambiental”, que tem a ver com a crise civilizacional, que segundo este autor, é isto que estamos vivenciando, “[...] Não é a natureza que se encontra em desarmonia, é a nossa sociedade, [...]” (1999, p.140). O mesmo autor vem nos dizer, que a Educação Ambiental não é neutra, e sim ideológica, ou seja, “[...] Traduz-se em atos políticos, que visam ou a manutenção da correlação de forças sociais na atual configuração, ou a sua transformação. [...]” (LAYRARGUES, 1999, p.140).

Por último, ao que se refere a esta primeira análise, é a frase embaixo do nome da empresa, no final da página “Sua companhia para toda a vida”, que traz referência a maior durabilidade do produto, e penso que está subentendido mais uma vez a questão da sustentabilidade, levando-nos a pensar novamente no compromisso da empresa com o futuro da questão ambiental, ao seu aspecto reduzido, tendo a natureza dissociada de todo o restante, sem questionar a redução do consumo, mais uma vez propiciando formas que procuram amenizar os danos e não incentivar a melhor e menor utilização do usuário quanto a este, cabe a nós então visualizar, receber estas propagandas com um novo olhar crítico.

Embora possamos ver isto como uma atitude normal às empresas, pois, prioriza o lucro, e, conseqüentemente o sistema capitalista, pode-se pensar ou começar a se refletir sobre as reais necessidades do que consumimos. Sobre as relações de poder em nossa sociedade, a soberania das empresas, não precisamos concordar com o incentivo ao consumo e muitas vezes ao desperdício, podemos e devemos questionar o sistema vigente. Isto não significa que, o que se está fazendo para amenizar os impactos ambientais seja irrelevante, porém devemos pensar além das soluções dadas e colocadas pelas empresas, interrogando e buscando alternativas que não sejam apenas paliativas.

#### 4 Análise do Relatório Anual de uma empresa Termoelétrica

A foto descrita anteriormente, também tenta mostrar, como na propaganda do “lápiz”, sua preocupação com o meio ambiente, (aliás, a escolha das duas se deve ao caráter semelhante que percebi) isto devido à vinculação de flores e árvores na foto. O que mais me chamou a atenção foi o fato desta empresa ter como fonte de energia elétrica o carvão mineral, que é danoso ao meio ambiente, devido seu grande caráter poluidor, este é encontrado em abundância no solo gaúcho, o qual possui a maior jazida, deste mineral no Brasil, onde na região que se encontra a termoelétrica citada, que denominaremos de forma fictícia, como *região do carvão*, estão 38% das reservas carboníferas do país<sup>5</sup>.

O carvão é considerado danoso ao meio ambiente, pois quando queimado, para gerar calor, nas caldeiras, libera resíduos sólidos (cinza) e resíduos gasosos (CO<sub>2</sub>, CO, SO<sub>2</sub>), para a atmosfera, através da chaminé, no qual se encontra o enxofre, um dos causadores da chuva ácida. Pergunto-me: Esta usina e/ou seus administradores tem uma preocupação

---

<sup>5</sup> Dados obtidos do Relatório Anual da Empresa de 2003/2004.

ambiental ou social? Arborizar e plantar flores ao redor da empresa poderia ser considerado como uma verdadeira preocupação com a poluição ambiental provocada pelas termoelétricas que utilizam carvão?

Para tentar refletir sobre estas questões, que penso serem prioritárias, devido a questionamentos freqüentes em relação ao homem/meio, começo levantando um fato. Esta empresa tem como mantenedora o governo federal, que atualmente tem dois ministérios que influenciam nesta temática: o Ministério de Minas e Energia (MME) e o Ministério do Meio Ambiente (MMA). O primeiro, com prioridades claramente desenvolvimentistas, onde a meta definida pelo governo para o crescimento do país deve ser atingida o mais rapidamente possível, e o segundo, considerando o desenvolvimento sustentável, pensando então nos impactos e implicações dos empreendimentos para o meio como um todo<sup>6</sup>.

Assim, se a empresa se preocupa com a população, como diz no seu texto, “[...] Que contempla o crescimento social e a qualidade de vida. Que respeita o meio ambiente e as pessoas. E se a [...] tem energia para tudo isso, tem a energia para fazer o futuro das próximas gerações. [...]”, porque a empresa não tem como colaborador, além do Ministério de Minas e Energia, o Ministério do Meio Ambiente, já que este trabalha com a idéia de sustentabilidade, em que toda a política deve estar alicerçada na idéia e no controle da participação social, priorizando pela descentralização de poder e transversalização entre os ministérios, ou seja, um colaborando com o outro, apesar de seus interesses parecerem ser opostos.

O papel e a responsabilidade da população como consumidora, e dos questionamentos feitos em espaço formal são essenciais, pois se deve perguntar, se está refletindo, questionando sobre a real necessidade de alguns produtos, ou a quantidade destes. Não queremos dizer, que tanto a energia elétrica ou/e a utilização de madeira na fabricação de lápis tenha que ser eliminada, porém, deve-se interrogar sobre se o que se está fazendo é o melhor para o ambiente e se pensar formas de energias alternativas, que venham se somar a outras de maior capacidade, que é o caso do uso de termoelétricas e hidroelétricas. Qual está sendo, então, nossa responsabilidade no processo e se estas são as formas mais prováveis de mudança, ou seja, os questionamentos sobre nossas empresas, indústrias, fábricas e consumo exacerbado, está sendo feito? Ou se está repensando alternativas ao consumo exagerado, por

---

<sup>6</sup> Explicações dadas no TE: Políticas Públicas em Educação Ambiental – Prof. Dr. José Vicente, integrante do MMA, realizado entre os dias 28 de Maio e 01 de Junho de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.

exemplo, dos plásticos, ou da própria energia elétrica gerada por termoeletricas movidas a carvão?

A preocupação da empresa com a questão ambiental se dá realmente em todos os âmbitos ou apenas na plantação e cultivo de árvores e flores, ou seja, na vinculação da sua imagem a outras relacionadas aos aspectos naturais. Segundo Layrargues, “[...] o fundamento da degradação ambiental não está na ignorância dos processos ecológicos da natureza, mas sim no estilo predatório da apropriação dos recursos naturais. [...]” (1999, p.141). Seus colaboradores e funcionários, a população em geral, que também responde por esta empresa, pois é um patrimônio público, conseguem entender a problemática global além da falta de água, da reciclagem do lixo e são conscientes de seus direitos, ou apenas sabem que os têm, mas não usufruem por opção própria, ou seja, estamos questionando os processos utilizados, as formas de consumo, a preocupação das empresas com o meio ambiente circundante. Penso, que na sua grande maioria, nos acomodamos ou nos conformamos com a divulgação da preocupação que estas empresas dizem ter com o meio, com suas medidas muitas vezes superficiais.

No entanto é evidente, a evolução dos processos realizados nestas empresas, assim como nos seus equipamentos, como exemplo, nesta empresa, a qual o relatório está sendo analisado, pode-se citar a altura da chaminé, que foi aumentada, e com isto os resíduos sólidos, ou seja, as cinzas, que no início de sua instalação caíam nas residências que faziam vizinhança com a empresa termoeletrica, na década de 60 e 70, devido à baixa altura da chaminé a filtragem não era eficiente, hoje devido ao aprimoramento isso não ocorre mais, fazendo com que as cinzas e os gases se dispersem para a atmosfera, pois a altura da chaminé é de 150 metros de altura (*REGIÃO DO CARVÃO*, 40 anos de Eletricidade a Carvão, 2001, p.18), sendo fonte no entanto de grande poluição atmosférica.

Porém entender realmente o significado da Educação Ambiental, e sua amplitude social, econômica, ideológica, são essenciais para conseguirmos chegar a um diálogo coerente, e que provoque verdadeiras mudanças, não de forma autoritária, mas de maneira dialética, Loureiro diz, citando Leff:

[...] a dialética traz elementos importantes para a atual teoria da complexidade, que enfatiza as interconexões e interdependências como processos sistêmicos, por manter o sentido de historicidade dos acontecimentos, explicitar as contradições e conflitos inerentes à condição de classe e por impedir uma percepção evolucionista e naturalista da humanidade [...]. (LOUREIRO, 2006, p.51)

Onde nos entendemos, dessa maneira, como parte do processo, como pertencentes ao meio.

Segundo Layrargues (1999, p.132), “[...] paradigma desenvolvimentista, pautada pelo mercado [...] fornece uma visão de mundo unidimensional, utilitarista, economicista e a curto prazo da realidade, onde o ser humano ocidental percebe-se numa relação de exterioridade e domínio da natureza.”. Assim, devemos nos sentir responsáveis por este, e refletir sobre o que é mais apropriado a se fazer, em tempos que aquecimento global, chuva ácida, coleta seletiva do lixo, entre outros, não reduzem por si só a questão ambiental, mas com certeza fazem parte dela e devem ser discutidas de forma ampla, tentando perceber o que está “ideologicamente implícito”. E chegar realmente “na raiz dos problemas” e não ficar em debates superficiais, para assim tentarmos amenizar e conviver com todos os problemas sociais que temos e que vem surgindo em um ritmo cada vez mais acelerado. Sobre a amplitude e importância da Educação Ambiental, Reigota nos diz:

[...] a educação ambiental por si só não resolverá os complexos problemas ambientais planetários. No entanto ela pode influir decisivamente para isso, quando forma cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Tendo consciência e conhecimento da problemática global e atuando na sua comunidade, haverá uma mudança no sistema, que se não é de resultados imediatos, visíveis, também não será sem efeitos concretos. (REIGOTA, 2004, p.12)

Reforço então, o papel da Educação Formal, Não-Formal e Informal, para chegarmos a esta consciência dos nossos direitos e deveres como nos diz Reigota, acrescento à consciência a palavra coletividade, onde para pensarmos na problemática global, na transformação deste sistema desigual, o coletivo, o pensar coletivo, se torna muito importante, sem desconsiderar as diferenças, a diversidade.

### Conclusões Temporárias

Perante o exposto na descrição e análise das propagandas, que podem ser percebidas dentro da Educação Ambiental Informal, e apesar de não estarem vinculadas à escola ou outras instituições de ensino, trabalham com o imaginário das pessoas, tem sempre uma intenção e geram conhecimento, como nos diz Giesta em relação as história em quadrinhos que fazem parte da Educação Informal: “As histórias em quadrinhos na Educação Informal e na formal se apresentam como uma via de grandes possibilidades na organização

do conhecimento” (GIESTA, 2006, p.3), podendo no entanto serem incluídas aos currículos, e ser amplamente exploradas na escola, devido seu grande poder e influência sobre o público.

Quando fiz a escolha para analisar duas propagandas, foi pelo fato destas vincularem sua preocupação com o meio ambiente através de figuras e slogans que realmente chamam a atenção, pois trazem à tona uma das temáticas mais discutidas e comentadas nos dias atuais. Como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, participante de debates e reflexões acerca do tema, não posso me contentar com a idéia que Educação Ambiental é simplesmente plantar árvores, não que isso não seja importante e não contribua para o bem-estar da população, que melhora a qualidade do ar, do solo, através do processo de liberação de oxigênio e absorção de gás-carbônico além da adubação do solo, através das folhas, ramos e raízes que eventualmente caíam neste, tornando-o fértil para a próxima geração de árvores. Mas os outros fatores da questão ambiental não devem ser esquecidos ou reduzidos, e a freqüente reflexão sobre o que ideologicamente fica por traz disto, ou seja, quais os interesses “e se o fazer algo” para preservar o meio ambiente, são realmente a preocupação com a sociedade, ou simplesmente com o lucro.

Penso que o presente artigo foi uma fonte de questionamentos sobre estas questões que têm nos influenciados tanto, e que estão fazendo parte do meu cotidiano. Em contrapartida, muitas pessoas não começaram a se dar conta das questões levantadas, ou simplesmente não se incomodam com isto. Penso que, é responsabilidade de todos assumirem a questão ambiental, como indo além da natureza, segundo Loureiro:

Tudo leva a crer que a Educação Ambiental só apresentará resultados coerentes se incorporar em seu fazer cotidiano a completa contextualização da complexidade ambiental. Para isso, é imperativo o envolvimento das dimensões social, econômica, política ideológica, cultural e ecológica do problema ambiental, em suas conexões territoriais e geopolíticas, promovendo leituras relacionais e dialéticas da realidade, provocando não apenas as mudanças culturais que possam conduzir à ética ambiental, mas também as mudanças sociais necessárias para a construção de uma sociedade ecologicamente prudente e socialmente justa; incentivando não apenas a ação individual na esfera privada, mas também a ação coletiva na esfera pública. (LOUREIRO, 2004, p.15).

Assim, vejo que propagandas que vinculam a seus slogans a temática ambiental estão neste caso tentando convencer que seus produtos são melhores, pois além de terem melhor qualidade, se preocupam com a preservação do meio ambiente, podendo de certa maneira, estarem justificando o incentivo ao consumismo, a pensamentos como, “estou fazendo a minha parte”. Acredito que é necessário a reflexão e discussão acerca da idéia de

“meio ambiente” que estas empresas apresentam em suas propagandas. Com raras exceções, na grande maioria das vezes, estas idéias sustentam o modelo econômico vigente e, portanto, estão aquém dos fundamentos ideológicos da Educação Ambiental Transformadora (LOUREIRO, 2004), o que fundamenta a idéia de se realizar, cada vez mais, análises críticas sobre a utilização dos meios de comunicação, para o discurso sobre questões ambientais.

## Bibliografia

*CIDADE DO CARVÃO*, 40 anos de Eletricidade a Carvão. Rio De Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

FORQUIN, Jean-Claude; tradução de Guacira Lopes Louro. **As implicações educativas do pluralismo cultural**. In: Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREITAS, Maria Teresa. **A Perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento**. In: Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin (Maria Teresa Freitas, Solange Jobim e Souza e Sônia Kramer). São Paulo: Cortez, 2003. Pág. 26-38.

GIESTA, Nágila Capolingua. **Histórias em quadrinhos**: recurso no ensino e na pesquisa educacional. XIII ENDIPE, ANAIS Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife/PE: UFPE, maio. 2006.

[http://www.13endipe.com/paineis/paineis\\_autor/T1666-1.doc](http://www.13endipe.com/paineis/paineis_autor/T1666-1.doc)

GIORDAN, André; SOUCHON, Chistian. **Instrucciones para el uso...del libro**. In: Investigación y Enseñanza. Sevilla: Díada Editora S.L., 1995.

LEITE, Márcia. **A Influência da mídia educação**.

<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/artigos/artigo9.htm>, acessado em 22 de Maio de 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (org). **O Movimento Ambientalista e o Pensamento Crítico**: uma abordagem política. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

MACHADO, Carlos Roberto da Silva. **Estado, política e gestão na/da educação em Porto Alegre (1989-2004)**: avanços e limites na produção da democracia sem fim. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2005. (Tese de Doutorado).

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um Produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988. 2.ed.

REIGOTA, Marcos. **A Floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

REIGOTA, Marcos. **Educação Ambiental**. 4ª reimpressão 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e representação social**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RELATÓRIO ANUAL, *CIDADE DO CARVÃO*. 2003-2004. Grupo Eletrobrás. Ministério de Minas e Energia.

*REVISTA ATUALIDADES*. Ed. Abril, edição 2011, ano 40, n. 22, 06 jun. 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. 9ªed. Porto: Afrontamento, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Construção intercultural da Igualdade e da diferença** (p. 279-316). In: *A gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

TEIXEIRA, Carlos Antonio. Educação Ambiental: caminho para a sustentabilidade. In: **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, 2007, nº2, p.21-29.

SARABIA, Bernabé. **A aprendizagem e o ensino das atitudes**. In: COLL Salvador, César (org). *Os conteúdos da reforma: ensino e a aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artemed, 1998. Pp.119-177.

SATO, Michele; SILVA, Regina. Viagens na Amazônia e a vida na Floresta. In: **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, 2007, nº2, p. 31-39.